

Crônica do caminho fixo

Nos bastidores da esquerda é cada vez maior a certeza de que Luiz Inácio Lula da Silva será pela quarta vez candidato à Presidência da República em 2002. Aponta-se como base dessa convicção os movimentos de Lula e do grupo parlamentar que o cerca. Esses movimentos indicam que duas definições estratégicas cruciais para viabilizar a candidatura já foram feitas: a escolha do eixo do marketing da futura campanha e do programa de governo, cuja base será a bandeira do combate à pobreza, e a identificação do candidato do PPS, Ciro Gomes, como o adversário ideal para polarizar a disputa e transformá-la em um plebiscito sobre o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

O enquadramento de Ciro Gomes como representante do status quo parece um contrasenso da esquerda, na medida em que o ex-ministro da Fazenda e ex-governador do Ceará se apresenta, desde a campanha de 1998, como um crítico corrosivo do governo Fernando Henrique e o portador de um programa alternativo de oposição. Mas não é esta a interpretação dos partidários de Lula. Eles vêem Ciro como um simples dissidente do regime e consideram que será relativamente fácil carimbá-lo dessa forma. Os estrategistas lulistas pensam que o veto a alianças com o PPS se encarregará de empurrar Ciro Gomes para o isolamento no campo da esquerda, forçando-o a repetir a aliança com as forças conservadoras que Fernando Henrique foi obrigado a montar em 1994.

Trata-se, portanto, da reprise de uma estra-

tégia que, todos sabem, inclusive o PT, não deu certo com Fernando Henrique. A aliança que o PSDB fez com o PFL e o PTB em 1994, e que em 1998 incluiu o PMDB e o PPB, venceu Lula duas vezes. Esse caminho fixo começou a ser criado pela esquerda petista na eleição de Tancredo Neves pelo colégio eleitoral do regime militar, ao qual o PT se recusou a comparecer. Tal trajetória revela que os ensinamentos da história não foram suficientes para mudar a política do grupo dirigente do partido.

Lula será candidato a presidente, pela quarta vez. Marketing está definido. E Ciro Gomes foi escolhido adversário para polarizar disputa

A esse propósito, vale a pena lembrar o episódio no qual Lula perdeu uma chance histórica de ganhar a Presidência da República. Transcorria o governo Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso ainda era chanceler. Em uma reunião da cúpula do PT com o PSDB, a direção petista rejeitou a proposta de uma aliança nacional, com desdobramentos regionais, que teria Lula como candidato a presidente e Fernando Henrique a vice-presidente. Em troca da cabeça da chapa presidencial, o PSDB queria liderar aliança similar com candidatos a governador em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Rejeitada a proposta pelo PT, o comando social-democrata a inverteu: o governador do Ceará, Tasso Jereissati, seria candidato a presidente e Lula sairia como seu vice. Em troca, o PSDB apoiaria os candidatos do PT a governador nos três estados.

Os dirigentes petistas foram irredutíveis. Preferiam sair com candidatos próprios nas duas esferas. Mario Covas lamentou o fracasso da reunião e fez uma profecia: "Vocês vão perder tudo". Foi o que aconteceu. O PSDB elegeu

Fernando Henrique presidente e os governos de São Paulo (o próprio Covas), do Rio (Marcelo Alencar) e de Minas (Eduardo Azeredo). Participaram daquela negociação, pelo PT, Lula, o atual presidente da legenda, José Dirceu (SP), o atual líder, José Genoíno, o líder da bancada na época, Eduardo Jorge (SP), e o vice-líder, Paulo Delgado (MG); pelo PSDB, participaram o governador do Ceará, Tasso Jereissati, Mario Covas (SP), que era senador, José Serra (SP), que liderava a bancada tucana na Câmara, além de Fernando Henrique.

A três anos da campanha de 2002, Lula ensaia agora os primeiros passos para fazer com Ciro o mesmo que fez com Fernando Henrique. Ao afastar a hipótese de composição com o PPS, o petismo acredita que reduzirá as opções de Ciro a alianças eleitorais no campo da direita. Ao mesmo tempo, interromperá a trajetória de crescimento do PPS, um concorrente que com Ciro Gomes pode se tornar ainda mais forte no mercado de votos da esquerda.

A deliberação petista inviabiliza o projeto de uma aliança ampla de centro-esquerda, capaz de garantir a governabilidade do presidente eleito, defendida pelo presidente do PPS, o senador Roberto Freire (PE). A proposta de Freire é compor uma aliança em torno de um programa comprometido com a estabilidade econômica e a redução das desigualdades. Os quadros do governo, inclusive o vice-presidente, seriam fornecidos pelos partidos da esquerda, sob a liderança do PT, em aliança com setores do PSDB e do PMDB. Os preparativos da candidatura Lula mostram, entretanto, que a estratégia do PT não mudou: ganhar ou perder sozinho é o único caminho.

E-mail: ariosto@agestado.com.br